

REDACÇÃO GERAL DO TRABALHO
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa • Telefone 2
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA "CHANTAGE" FINANCEIRA

A corrida aos Bancos

traduz um plano sinistro
que agravará a miséria

Acabam de nos fazer misteriosas revelações. Trata-se do maior escândalo do século XX.

Um plano diabólico da alta finança, que já começou a ser posto em prática, vai reduzir o país a mais completa miséria. Porque? Para quê? Ainda ninguém o disse. Uns porque desconhecem o que se está tramando na sombra, outros porque são convites ao crime.

O povo que abra os olhos. É contra ele, consumidor e produtor, que no fim de contas todos estes planos se voltam. Para se compreender bem o caso, torna-se necessário traçar em linhas gerais, embora concisas, o que tem sido o movimento financeiro desde o começo da guerra até aos nossos dias.

A guerra, como se sabe, veio fazer baixar a produção. As mobilizações colossais, o aumento inenunciável da burocracia, a criação da casta dos novos ricos e os imobilmente assassinos no campo de batalha, foram milhões de braços arrancados à lavoura e à oficina e, portanto, ao trabalho útil. Como numa sociedade de capitalista a modicidade do preço dos gêneros depende, em grande parte, da abundância dos artigos, a falta de produção originou a alta. Além disso, a carência de produtos gera a especulação, e a especulação começou a ser exercida por uma legião ambiciosa, conhecida pelo nome de *negociantes milicianos*, na maioria ignorantes, que ganhavam porque a época os favorecia, pois outro trabalho não tem senão comprar hoje e vender amanhã, ganhando sempre, porque o produto sobe sempre.

A custa desta subida constante, fizeram-se fortunas colossais. Mas se os *milicianos* ganharam muito, sem terem sequer o trabalho de pensar, de planejar, deixando-se apenas arrastar pela corrente favorável ao comércio, os veteranos, os grandes banqueiros, lucraram muito mais.

Estes, como Jongo treio no negócio, são os mais espertos e também os mais perigosos. Os novos-ricos serviram-lhes apenas de portadores de imensas riquezas. Eles, veteranos, eles, grandes capitalistas, é que tiveram e tem o grande, o verdadeiro lucro; os outros, os *milicianos*, possuem grandes fortunas, é certo, mas constituídas de papel — papel-moeda — que os grandes banqueiros manejam a seu bel-prazer.

Os banqueiros são a base, a fonte oníscia dos novos-ricos, seus serventões, vão buscar a força. E' aos banqueiros, os grandes capitalistas, como Soto Maior, por exemplo, cujos lucros de guerra se avaliavam em 800.000 contos, que recorrem os negociantes novos-ricos; são os banqueiros que lhes dão o crédito. Ora, nesta época anormal, o banqueiro nenhum risco corria em fornecer crédito a qualquer negociante, porque já sabia de antemão que esse negociante ganhava, deixando-lhe, todavia, a ele, credor, o maior lucro. O negociante, em regra, fica com um pouco mais de alguns papéis de transitório valor. Assim, qualquer burro tinha crédito e negociava à custa da ininterrupta subida dos preços.

Proporcionalmente, todos os valores sobiram. Aumentaram as ações, porque aumentaram os câmbios; aumentaram os gêneros, porque aumentaram os câmbios, porque aumentou tudo. Assim, ações do valor de 100 escudos, chegavam a ter cotizações de 300 escudos e mais. Logicamente os banqueiros realizaram um lucro espantoso de 100, 150, 200 0/0. Porém, agora que as ações — quem diz ações — da maioria de valores: papéis, títulos, etc. — chegaram a um elevado preço, é difícil realizar sobre esse fabuloso preço novos lucros de 100 ou 200 0/0, o que faria com que esses papéis, com o valor nominal de 100 escudos, chegassem a 500, 600 ou 800 escudos. Esse lucro forçado mal se poderia justificar e iria contra o ambiente que se tem criado, tendente a aumentar riqueza, baseada sobre o aproveitamento do trabalho e da produção.

E' que os financeiros tanto fizeram aumentar, feticamente, o valor de tudo que chegaram a um ponto de não poderem realizar, com certa aparência de lucros, lucros tão grandes como os que tem vindo realizando até hoje.

Pensou então a finança em realizar novos (2) provocando a baixa fictícia. E' este um golpe tremendo, golpe que vem sendo posto em prática, do qual resultará, provavelmente, a concentra-



LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Estão em greve, há cousa de um mês, os gráficos de Beja. O motivo desta greve, é desnecessário diz-lo, vem a ser a ganância patronal, que se recusou, depois de cortêsmente instada, a aumentar as férias dos operários. Sabem bem vocês quanto ganhava em Beja, antes da greve, um operário gráfico? Por mais modesta que seja a quantia calculada ainda assim ela excederá em muito a realidade. Um tipógrafo de Beja ganhava dez tostões. Havia-os — e parecia que era a maioria — a ganhar menos ainda. O mais hábil ou mais afortunado tinha quinze tostões. Imagine-se agora — o que terá sido a existência daquela gente, de há três ou quatro anos a esta parte, sabidas as condições da vida alentejana. O custo das subsistências é, em Beja como em quasi toda a província, superior ao de Lisboa, e para mais agravado com a falta de gêneros que ainda na capital, um dia ou outro, vão aparecendo. O azeite escassa tanto em Beja como em Lisboa; o pão, sendo lá um pouco melhor, está contudo a preço altíssimo; o peixe anda raro e extremamente caro, e o que respecta a hortaliças, legumes, tudo, enfim, excede em custo o que em Lisboa há. Os operários do Alentejo não possuem, como em regra sucede nalgumas partes do norte, uns palmitos de terra a amanharr, donde saquem um subsídio para seu sustento. No Alentejo tudo é grande propriedade, o permanente contraste entre a fartura dos muitos ricos e a miséria dos infinitamente miseráveis. Quasi não há meios termos, e ou se possuem milhares de hectares ou se não tem nem meio metro de terreno para repousar o cadáver. Conjecture-se agora, se é possível, o que não terá sido, de assalariado martirizado, de mudo sofrimento, a vida ou a agonia de homens, chefes de família muitos deles, que recebem por paga dez tostões numa época em que um quilo de bacalhau custa perto do triplo. Explique-se, se é possível, este milagre de não terem sucumbido, de pura inanição, homens durante tanto tempo sujeitos a um regime de quase indizível crueldade mal pode fazer-se ideia. Os gráficos de Beja andaram sempre um pouco desavindos com a organização sindical. Mas nem eu agora quero saber disso. O facto que exclusivamente me impressiona é este de só agora reclamarem e lutarem trabalhadores que tam prolongadamente sofreram. O que me indigna ao extremo é saber da existência de patrões que negam a seus operários o que se não nega a um cão: o alimento necessário à vida. Quanta miséria, quanta lágrima, quanta fome por toda essa província, quanta desolação, quanta tristeza pelo país inteiro! Ponho-me a pensar nisto e espanto-me. Espanto-me de que sejam em tam pequeno número os suicídios — e os assassinatos.

Prof. Carlos

Homens "terríveis"

Dizem-nos da polícia:

Foi preso o trabalhador António Piedade Galvão, da travessa das Flores, 20, 1.º, por incitar os seus companheiros de trabalho à greve e insultar a G. N. R.

Pelo mesmo motivo foi também preso o cordero José Gil, da travessa de Paulo Martins, 15, 1.º, conhecido na polícia como agitador. Na condução para a esquadra ameaçou o guarda capão 918, de que o havia de matar, sendo-lhe apreendidos vários papéis da Juventude Sindicalista e uns versos à Revolução Social.

O Gil é irmão de António Gil, que há tempo arremessou uma bomba de dinamite no Terreiro do Trigo.

Quanto ao primeiro, a acusação deve ser tam verdadeira como as que ultimamente tem sido feitas a vários jovens sindicalistas, posto que não nos consta que a sua classe esteja em greve, e se estivesse, não cometeria um delito, mesmo à face da lei, incitando-a à greve.

Relativamente ao último, o seu maior crime deve consistir em ser irmão do Gil que a polícia afirma ter arremessado a bomba no Terreiro do Trigo.

Mais "Indesejáveis" que chegam

Comunicam-nos do governo civil:

Foram detidos pela polícia marítima, a bordo do paquete *Belle Isle*, chegado ontem ao Tejo, os bolchevistas expulsos do Brasil, Sebastião Lourenço, Artur da Costa Gomes e Joaquim Trindade, que foram entregues à polícia de segurança do Estado, recolhendo aos calabouços do governo civil.

Pelos modos a República carioca tem a fobia do bolchevismo.

Veremos agora quantos dias permanecerão nos infectos calabouços do governo civil os três bolchevistas agora para ali lançados.

A FOME E A INIANÇA

Os assambarcadores rejubilam

:: :: O povo lamenta-se :: ::

Perdida toda a esperança de se terem melhores dias, nestes tempos mais próximos, visto a apregoadá escassez dos artigos de mais consumo e de maior necessidade, parece que todos as atenções dos dirigentes deviam convergir para tomar resoluções práticas e rápidas para solucionar uma situação, que está demasadamente complicada, e que escassa tem sido criminosamente provocada pelos detentores dos gêneros alimentícios, no intuito de realizarem lucros fabulosos, arrancados à miséria do povo, que se vai tuberculizando, enquanto os exploradores do trabalho vivem no meio da abastança.

Qual queremos ver o funcionalismo, empregados comerciais de balcão e carteira, os operários das profissões manuais, enfim, os que trabalham e passam mal, realizar uma reunião para protestar contra isto que dia a dia vai pior? Quando será esse dia?

A vida cada vez mais cara e as autoridades dormem

CALDAS DA RAINHA, 31.—C.—Os alentejanos aqui sobem, sobem sempre e raiam. Esta desmedida palafra de se esconderem os gêneros, vai causar um camargos de boca a alguns senhores comerciantes, porque isto de se martirizar o povo pela fome, é de seguros resultados, mesmo que se disponha de uma "briosa", que se dispõe dum "Batata" dum "Malasão" ou dum "bon rapaz", como é incontestavelmente o nosso querido administrador.

Nada, não se fiam na virgem, porque podem apertar algum tombo sério.

Se nesta terra as preciosas autoridades não merecessem todas as recriminações que aqui lhes temos feito, já teriam contudo uma rigorosa fiscalização aos contratadores dos mercados agrícolas e do peixe.

O nosso administrador sacrificava um pedaço da sua vida, para o seu cargo, e do seu jantar, e em continência do subdelegado e do secretário da Câmara, proibia o assambarcamento dos gêneros que vem chegando por via marítima, e a sua fiscalização que de uma hora para a outra sofrem quasi todos os artigos, não deixava que se vendesse peixe seco, já sem condições de poder ser consumido, não permitia, em fim, para encurtar razões, que a pouca vergonha comercial campegasse infrene por toda a vila.

Mas não senhores, deixam andar, corra o marfim e o pagode que esteja de fome, se for tam bruto e tam covarde que não organize a sua defesa, visto que os poderes constituídos o não defendem, deixando que prosiga o caos.

Veremos.

EM SANTARÉM

O administrador do concelho não deixa vender o peixe mais barato

SANTARÉM, 31.—C.—Nesta cidade passamos a viver a vida de um assambarcador. Já dissemos que o arrematante não cumpre o contrato, tendo sido muito já por cinco vezes por esse motivo. A segunda-feira quando o arrematante não veio, os peixeiros intimados os antigos fornecedores a virem aqui vender peixe, mas há dias vieram para vender peixe seco, e como um dos salteiros vender a sardinha a 35, foi intimado pelo administrador do concelho a vendê-la pelo preço da tabela, que era a 40.

Este gesto, que visava a defender os interesses do arrematante e não os do povo, deu motivo a protestos do público, ameaçando o administrador algumas pessoas com o prosaico e revoltante.

Num acto de desespero o povo apoderou-se do que tem mais a mão.

SANTARÉM, 1.—C.—Há dias que o povo anda exaltadíssimo, devido à ganância sempre crescente do honrado comércio, que ultimamente se resolveu a pôr mãos à obra, principando por focar o *Cabado*, que está sempre pronto, e um arvore e fechar de olhos, foram arrombados os estabelecimentos dos comerciantes Elio Guimarães e António Manuel Cabral, desaparecendo tudo quanto lá havia, tanto fazendas como calçado, louças e outros artigos.

Dentro de pouco tempo apareceu a guarda municipal, que fez várias descargas para o ar e mandou recolher todos os habitantes a suas casas, sendo a cidade, durante a noite, patrulhada por várias forças.

Em seguida nos estabelecimentos começaram a ser feitas prisões e a passarem-se buscas em várias casas onde calculavam haver qualquer coisa tirada dos estabelecimentos dos comerciantes.

Além daqueles estabelecimentos, alguns da Rua Direita também sofreram assaltos, mas pouco retiraram deles, devido à intervenção da guarda.

Os assaltos tem sido o assunto de todas as conversações, lamentando alguma pessoa que fossem assaltados aqueles casais em vez das mercearias, dizendo que o comerciante Cabral não é dos pobres.

Seja como for, o que é certo é que todos exploram desalmadamente o povo.

Em dias de exploração é o padroeiro Maria Garcia Trigo, que quando o pão era a 30 deixava de fabricar-lo, e agora que é a 45 já o vende a 40, o qual teve até a dita do estabelecimento cheio de pão e como tivesse receio de qualquer assalto, tratou de izar a bandeira espanhola no estabelecimento, para mais roubar o povo.

Este expediente há de servir-lhe de muito quando os roubados aqecerem a ponto de lhes dar para arrefecer os gatinhos.

Um comício — Os comerciantes profitem-se a vender os gêneros com um abatimento de 50%

SANTARÉM, 2.—O povo desta cidade, que há quatro dias anda alvoroçado pela ganância dos comerciantes, realizou hoje, pelas 15 horas, no Largo do Barão, um comício a fim de protestar contra a carestia da vida e contra a atitude da Associação Comercial.

O comício estava muito concorrido de operários trabalhadores rurais e grande número de mulheres.

Fim do comício reinaram a convite da comissão militar, os comerciantes na sua associação, que se prontificaram a vender os seus *stocks* com 50% de abatimento. Resolveram também não fazer mais compras e pedir ao governo para que fossem abastecidos por seu intermédio.

A maioria dos presos foi posta em liberdade.

O governo da guarda está entregue ao comício militar, que espalhou soldado do exército e da guarda por toda a cidade.—C.

OS BOLXEVISTAS CONTRA OS POLACOS

As forças polacas recuam

Os polacos retiram precipitadamente entre Niemen e o sul da Polónia

NAUEN, 30.—Chegam notícias de Koenigsberg, segundo as quais os polacos se retiraram precipitadamente em toda a frente, entre o Niemen e o sul da Polónia.

Como governador geral da República soviética, tomou posse da Galícia oriental um funcionário russo.

Espera-se a queda de Lemberg e Brest-Litowsky

BEBLIM, 30.—O retrocesso do exército polaco foi geral na linha da frente Brest-Litowsky-Lemberg, numa extensão de 200 quilómetros.

Os russos, que já bombardearam Brest-Litowsky, começaram o ataque de infantaria com forças importantes.

Espera-se que num prazo de horas, Lemberg e Brest-Litowsky caiam em poder dos bolchevistas.

Os combates são encarnadíssimos e as perdas muito grandes.

O comunicado bolchevista

MOSCÓVIA, 30.—O comunicado bolchevista diz:

«Ocupámos a fortaleza de Ossowiez, fazendo grande número de prisioneiros. Continuamos perseguindo o inimigo, que retrocedeu para Luya.

Na região de Bielsk, as nossas tropas ocuparam varios pontos da linha férrea. O inimigo opõe uma débil resistência.

Na região de Tarnopol atravessamos o rio Seret e combatemos perto de Tarnopol.»

A cavalaria vermelha forçou a frente polaca

BERLIM, 30.—A cavalaria russa rompeu a frente polaca, rodeou Grodno e apareceu à retaguarda do exército inimigo, que ocupava Ossowiez, a tres milhas da fronteira este russa.

Testemunhas oculares asseguram que viram os polacos fugir cheios de pânico.

Em Berlim julga-se que os russos querem apoderar-se de Varsóvia antes que os plenipotenciários se reúnam para discutir as bases do armistício.

O CONGRESSO CORTICEIRO

Depois de seis sessões, que decorreram entre o maior entusiasmo, concluiu ontem os seus trabalhos

A sessão diurna

Entra em discussão a terceira tese

Reabriu a sessão às 11 horas. Feita a chamada, responderam 41 congressistas. Entraram depois em discussão, na especialidade, as conclusões da tese *O trabalho das mulheres e menores dentro das oficinas*.

Sobre a primeira conclusão, o delegado Ferrão, de Vendas Novas, confirmou a sua declaração a quando da discussão na generalidade, de que a aprova incondicionalmente.

Falaram ainda vários congressistas, e sendo posta à votação, foi aprovada.

Francisco Pincho entende que a segunda conclusão deve baixar à Federação para estudo, trocando-se várias explicações entre os congressistas. Joaquim Pegas lembra que os camaradas que preparam as máquinas não devem abandonar a associação, fazendo os restantes camaradas o possível porque assim sucede.

Alguns congressistas são de opinião contrária porque muitos deles são encarregados. Feitas considerações gerais, Pascal propõe que se aprove a segunda conclusão e baixe à Federação, pondo-a em exercício na devida altura.

Foi aprovada com a conclusão segunda e igualmente a terceira.

A comissão organizadora do congresso acrescentou mais uma conclusão assente redigida:

4.º Que os menores, com menos de 14 anos, não sejam admitidos nas oficinas, visto que a lei que regula a sua entrada nas fabricas o estabelece.

Vários congressistas referem-se a esta conclusão, concordando com ela, pois pelo que se tem apreciado, da entrada de menores de 14 anos para fabricas e oficinas resulta o definhamento do género humano, devendo evitar-se a exploração que sobre eles se exerce.

Foi aprovada em seguida a 4.ª conclusão e, portanto, a 3.ª sessão.

4.ª sessão

Preside a esta sessão o congressista Pascal Gonçalves, secretário por José Ventura e João Ferreira de Almeida. Lida a acta, foi aprovada.

Ainda o corte de sobribores e a exploração da mina de Santa Suzana

Antes da ordem, Silvério dos Santos, manda para a mesa a seguinte proposta:

O Congresso nomeará uma comissão composta de cinco delegados, incumbida de reclamar junto do governo contra o corte de sobribores, visto que além desse facto poder dar origem a uma crise de trabalho entre a classe, redundando num incalculável prejuizo para a economia nacional.

José Vilhena esclarece que há uns quatro anos algumas associações corticeiras dos arredores de Lisboa nomearam uma comissão junto do parlamento de então, reclamando a proibição do corte de sobribores, e que nessa altura foi publicada uma lei ou portaria proibindo o corte de sobribores e oliveiras, e portanto, seria bom que uma comissão fosse reclamar a execução daquela lei.

José Alexandre diz que se tem feito uma devastação enorme nos sobribores, alegando os governantes para esse efeito, a falta de combustível, quando é certo que caso algum fazem das riquezas minerais que existem no país, como presentemente está sucedendo com a mina de carvão de Santa Suzana, propondo, para evitar isso que a classe corticeira junte os seus esforços aos ferroviários do Sul e Sueste na propaganda que vem de encetar no sentido de que fosse imediatamente explorada aquela mina. Apresenta um aditamento à proposta de Silvério para que a comissão possa com poderes para acompanhar o movimento dos ferroviários e intensifi-

"ESPARTACO" 28

BOA